

Em busca do Marco das Balanças

A ordem daquela noite era partir na manhã do dia seguinte, com a rede no arção da sela, em busca do Marco das Balanças. Por que das Balanças? E por que sair com rede no arção da sela? Para dormir aonde chegasse ao anoitecer? Não compreendi até hoje.

Na manhã do dia seguinte, equipado de acordo com as instruções da véspera, eu e Neco – pois nessa altura já trabalhava sob proteção de um guarda-costa – partimos, não sabíamos muito bem a que destino, mas partimos. Por uma intuição que me veio – nada sabendo ao certo – deliberei que tomássemos a orientação da pequena colina, ao norte, onde foi construído um forte, há muitos anos, creio que na guerra contra os holandeses, e onde se viam, ainda, lançados no chão, alguns canhões antigos.

Íamos assim, como D. Quixote e Sancho Pança; eu, magro e alto, e Neco, homem baixo, atarracado e forte, que usava chapéu de couro e alpercatas, roupa branca, de algodãozinho, e curtas a blusa e as calças; íamos assim, à procura, não de moinhos de vento, nem em defesa de donzelas perseguidas, nem a salvar vidas ofendidas, mas à procura de um marco que se chamava das Balanças.

Que equilíbrio se arranjaría entre os pratos dessa balança? Diziam Balanças porque o marco era por si mesmo oscilante, indicando direções diversas? Se assim era, talvez fosse designação exata, uma vez que, naquelas terras, os marcos eram muito inseguros, oscilavam de acordo com a vontade dos grileiros.

Marco das Balanças! Balanças que vibravam como instrumentos musicais e os seus sons repercutiam ao longo de laranjeiras e cajueiros. Marco talvez aquele que ficou perdido num atoleiro e nunca mais se soube dele – misteriosamente afundado num tremedal que corre além do Aldeamento de São Francisco.

Que relação havería entre esse marco, há tanto tempo perdido, e este outro do qual íamos à procura e nos foi indicado como pertencendo à primeira demarcação das terras devolutas do Estado onde moravam os caboclos de São Francisco?

Como não houve outra indicação do que aquela de um marco muito antigo num tremedal, era para lá que nos dirigíamos como D. Quixote e Sancho Pança, ao longo dos caminhos. Chegamos primeiramente ao sítio de Seu Gregório, onde comemos tapioca e chupamos laranjas e continuamos na mesma orientação seguinte, tão imprecisa e tão incerta como era incerta e imprecisa a existência de um Marco das Balanças.

Esse lodaçal do qual íamos à procura, onde estaria um marco que se perdera definitivamente, era um local muito vagamente indicado, como ficando por trás de grandes moitas de espinheiros selvagens, um lugar do qual nunca se dava uma posição certa, e, sim, sempre envolto em aventuras e ilusões. Com todas as coisas veladas que surgiam quando se falava nesse tremedal, estava sempre presente a alusão a um marco misterioso que se teria perdido por efeitos de magia. Era desse misterioso marco que provinha a designação Marco das Balanças? A única relação que havia entre os dois era que ambos estavam atolados no tremedal; em épocas diversas, certamente. Que história poderia ligá-los não se conhece, história que talvez explicasse a designação estranha daquele de que estávamos à procura.

Devia haver, no povoado da Baía, ou de Mataracá, ou mesmo no aldeamento de São Francisco, alguém bastante velho, mas ainda guardando a recordação da primeira demarcação que poderia desfazer toda a injunção e para quem tudo era fácil de explicar.

Não seria melhor procurar esse alguém, informante eficaz e prestimoso, que tudo podia elucidar, antes de começarmos a busca súbita e sem razão que, por ordem superior, encetamos essa manhã? Que resultado poderíamos obter de tão insensata procura?

Enfim, já tínhamos atravessado vários tabuleiros, seguindo à toa por aquelas regiões de vegetação rala, mas, bem próximos, sentíamos, de uma outra mais densa, mais difícil de penetrar, que contornava, talvez, o tremedal misterioso. Chegamos, inesperadamente, à margem de um capão de mato, já meio destruído, vendo-se dele apenas algumas árvores, uma delas, porventura uma oitica, ficava à beira da estrada deserta, que sua sombra totalmente cobria; pela posição da sombra era mais de meio-dia, uma hora da tarde, talvez.

Resolvemos parar e desmontamos, eu e Neco, dos nossos cavalos e nos sentamos à sombra da árvore como se tivesse chegado o nosso almoço, cujo aparecimento era bastante problemático porque ninguém sabia por onde andávamos, e não poderíamos recebê-lo, nem da Baía, nem do aldeamento dos caboclos; teríamos sido encantados pelo Marco das Balanças; encantados, perdidos ou abandonados; esperávamos, pelo menos esperávamos os nossos ajudantes que vinham a pé em nosso calçado, e que iam demorar; no entanto, depois de curta espera, eis-los que aparecem numa curva do caminho, conduzindo o teodolito, as balizas e as foices; aproximaram-se de nós, debaixo da sombra da árvore e sentaram-se muito fatigados.

Perguntei-lhes sobre o que traziam para almoçar, mostraram-me os seus pequenos sacos, cheios de farinha seca, conjuntamente com alguns voadores e pequenos pedaços de carne do Ceará; concordaram em dividir conosco todo aquele lauto almoço.

Neco arranhou os meios para preparar a comida de modo aceitável: colocou no meio da estrada deserta, coberta de sombra, três pedras; entre elas fez um fogo. De um galho de mato preparou um espeto, e, estendido no chão foi assando um por um, seguros pelo espeto, os voadores e os pedaços de carne do Ceará.

Depois de tudo assado na brasa ou no fogo, em folhas de papel como pratos, Neco procedeu à distribuição daquele parco almoço.

Depois de nos alimentar, ali, em contacto com os trabalhadores tentei obter deles quaisquer informações sobre uma possível verdade, ou mesmo uma lenda que envolvesse a aliança entre o marco mágico e o das Balanças, mas foi em vão, ninguém ali tinha a menor noção de qualquer desses dois marcos. Um deles chegou, entretanto, a aludir a um outro que ele teria visto atolado na lama, mas não se lembrava mais em que lugar.

O Marco das Balanças, como o outro, o que faz parte de uma lenda que também ninguém conhece, estariam ambos envolvidos em velhas lendas de marcos perdidos em matagais encharcados, em regiões alagadas, pantanosas, mais difíceis de penetrar do que na lama dos mangues, esta sendo, de qualquer modo, mais acessível, nela sendo possível apanhar caranguejos.

Eram lendas, certamente muito remotas, ligando a vida de um proprietário de terra e grileiro em contacto com os seus vizinhos, uma verdadeira luta com ladrões de terras que, na impossibilidade de volver de outro modo, um deles atirou um dos marcos num pântano, para que não fosse mais possível encontrá-lo, assim ficando para sempre indecisa a linha limítrofe das propriedades; e por que Balanças? Balanças. Talvez tenha sido apenas a Balança em que se teria pesado as virtudes e a honestidade do grileiro que ficou vivo quando o seu inimigo foi encontrado morto no pantanal, abraçado ao marco ali atirado; era ainda história romântica, uma história do tempo em que se pesavam as suas virtudes com uma balança e a sua verdade se garantia com um fio da barba.

Uma outra história poderia ser também relativamente admitida, história inventada por algum contador de histórias, como naquela época existia na Baía e outras localidades: uma lenda, também poderia ter sido forjada por algum pajé ou mágico dos aldeamentos caboclos, tendo assim a sua origem na tradição indígena. Esta versão talvez seja a mais razoável, pois ainda ali se notava a influência índia em certos nomes de pássaros e de peixes como aparecem nas emboladas cantadas em dias de festa.

Fui, de repente, surpreendido, despertado, pela voz de Neco que me chamou a atenção: já estava entardecendo.

– Seu doutor, o sol está descambando.

Realmente, já eram mais de duas horas da tarde. Duas horas da tarde: a luz daquela hora já anunciava tudo, anunciava o ar, anunciava os caminhos; era hora de voltar se quiséssemos chegar antes do jantar. Era a hora de voltar; era bom voltar. Mas, pensei, que direi eu na volta, eu que não consegui encontrar o Marco das Balanças, não consegui, mesmo, desvendar o seu mistério, não sabia bem que magia me tomava, me confundia.

Duas horas! Duas e meia da tarde!

O jeito era mesmo regressar... Comuniquei aos trabalhadores que podiam voltar à Baía, não era mais possível, naquele dia, pensar em encontrar o marco que nos foi indicado.

Duas e meia, três horas da tarde!

A luz já estava branda, macia, dourada, como é costume estar a luz às três horas da tarde, no Nordeste; voltamos pelo mesmo caminho, tornamos a comer tapiocas e a chupar laranjas no sítio de seu Gregório, e, pela mesma estrada por onde viemos, voltávamos com destino à Baía da Traição.

Eu vinha na frente como um D. Quixote, e, atrás de mim vinha Neco, o meu guarda-costa: vinha aboiando; um aboiado triste, naquela tarde já se desmanchando num belo crepúsculo, por detrás do alto cemitério de São Miguel. Neco cantava e eu sonhava com o Marco das Balanças; naquele momento, para mim, esse marco misterioso era Julieta, a morena que tinha sempre nos olhos um pouco de noite e de chuva, um pouco de sombra e de saudade... Julieta que passava o dia namorando, debruçada na janela de uma casa no Zumbi, terra que foi o país onde nasci, na Estrada Nova de Caxangá, ocupação a que tinha direito por ser muito bonita.

O Marco das Balanças era Julieta, que não sabia bem a quem escolher e em dúvida ficava, porque todos a queriam; e por isso deixou perdida na várzea do Capibaribe, até aquele dia, a luz do seu olhar, o símbolo do seu sorriso, a doçura de sua voz...

Julieta... a de olhos molhados de chuva noturna, a de voz dolorida de aguaceiros n'água parada de um pântano perdido que eu mesmo não sabia onde estava, naquele dia... naquele dia:

Julieta era o Marco das Balanças!

Ou era Ester?

A que pela primeira vez vi sorrindo num trem que partia para Jaboatão; quando a vi trazia um vestido carmesim, com uma blusa de rendas brancas cobertas por um bolero da mesma cor do vestido.

Ester que vi naquele trem, na manhã dos meus quatorze anos e que recordava ali, naquele instante do meu dia de vinte e dois anos. Ester: o Marco das Balanças: a graça do seu sorriso, a harmonia do seu corpo àquela hora já desfeita ou já deformada pela angústia do tempo que não pára.

Ester estudava para professora: era normalista e todo dia viajava naquele trem de uma hora e vinte minutos, sempre acompanhada por uma colega, sua amiga e certamente sua vizinha. Ester tinha qualquer coisa em si ligada a um mistério, pois tinha, além de mim, muitos outros admiradores: o meu amigo Antenor, o meu colega Oliveira e ainda um outro que chegou a se apaixonar e a ela se declarou, não sendo aceito. Com os seus encantos femininos, ela era objeto, assunto de histórias e comentários dos passageiros do trem que lhe atribuíam um namorado de pouco merecimento para ela.

Tinha oscilações assim na sua vida, tinha consigo qualquer coisa de desconhecido como as balanças do marco que não encontrei.

Talvez esse marco oculto e velado não fosse nem Ester, nem Julieta, era talvez Tereza. Tereza a que tinha deixado no Recife, onde era a minha amante, que àquela hora me esperava em vão

nas noites de brincadeira na feira do Bacurau onde com ela comia sarapatel e bebia cerveja; Tereza a que tinha o corpo macio, mulher de vida airada, professora de amor, a que tinha o corpo como um pêndulo, marcando as horas da noite na Pensão Bohemia. Tereza era a mulher que àquela hora me esperava em vão como esperei encontrar, descobrir, o Marco das Balanças. Tereza media as horas da noite como o pêndulo de um relógio, como os pratos de uma balança.

Tereza está, apesar de tudo, à minha espera, à minha procura e é possível que acabe me encontrando, que acabe desvendando o meu esconderijo, descobrindo a minha verdade: no dia em que eu voltar de um regresso mais longo.

Agora chego a pensar; para Tereza, se tivesse conhecido as ilusões em torno desses marcos tudo se inverteria.

– Para ela sou eu mesmo o Marco das Balanças!

Vamos chegando à Vila, a Vila onde não se come carne, somente se tem como comida o peixe fresco quando as jangadas saem em dias de sol; ou nos dias de chuvas, na impossibilidade de pescarias, comia-se bagre com azeite fabricado com as frutas do batiputá.

Entramos na Vila da Baía da Traição, chegamos à porta de casa, justamente à hora do jantar, que era de peixe fresco; logo o nosso jantar não seria mais de voadores ressequidos, seria talvez de peixe cozido, recém-pescado: um galo-do-alto recém-trazido do alto-mar por uma jangada recém-chegada, uma jangada, das últimas que entraram na tarde da Baía.